

## Dilercy Adler: a tecelã de Eros nos trópicos maranhenses

**Camila Maria Silva Nascimento \***

**RESUMO.** Partindo de alguns pretextos literários, linguísticos, filosóficos faz-se a leitura de alguns poemas de Dilercy Adler. Neles, observa-se a construção do seu devir poético, sob os vieses do erotismo. Para tanto, toma-se depoimentos de teóricos como Angélica Soares, Georges Bataille e Octavio Paz. Em meio a eufemismos, metáforas e aliteraões, Dilercy constroi sua seara poética, o que a faz percorrer, hoje, caminhos que a transformam em um dos principais ícones da poesia de gênero feminino maranhense.

**Palavras-chave:** Erotismo. Feminino. Poesia Maranhense.

### **Voz feminina e liberação do erotismo em Dilercy**

O olhar, aqui direcionado, será, por assim dizer, sobre as *Vozes da liberação do erotismo na poesia brasileira*, mote oferecido pela professora Angélica Soares, em obra de sua autoria. Desse modo, o estudo, buscará justificar a proposta, não somente pela escolha de poemas de temática erótica, mas por procurar entender, essencialmente, a consciência literária do erótico e a consciência erótica do literário na poesia de autoria feminina. Neste caso, de uma mulher latino-americana, brasileira, maranhense, filha dos trópicos que se coloca em estado de poesia, para cantar suas dores, suas queixas, seus amores... Impulsionada, pois, pela voz de Eros Dilercy se oferece e oferece a sua obra para leitura. O que se tem então? Uma obra que revela certas intimidades e nos proporciona uma profunda reflexão acerca dos conflitos pelos quais a mulher passa na ainda machista sociedade de então. A antologia de poemas com vieses e matizes variados: *Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados*, de Dilercy Aragão Adler, é o espaço "onde versos e estrofes desfilam desnudando a realidade da mulher, o amor em família estruturada, a revolta contra a indiferença e a desigualdade social (...). Um livro cheio de metáforas, profundamente filosófico, com o qual as mulheres

haverão de se identificar em cada fase da vida”,<sup>1</sup> diz a prefaciadora da coletânea Maria Aparecida de Melo Calandra. É, pois, nessa fonte, que beberemos o licor erótico que faz pulsar a veia da poetisa e por que não dizer a nossa.

Na literatura erótica a voz feminina tem sido pouco ouvida e quase sempre com certo soslaio, porque, por muito tempo e com frequência somente o grito masculino se fez ouvir. Contudo, há um nome consagrado desde a Antiguidade e que ainda emerge em muitos discursos poéticos, apontando um conjunto de deliciosas e eróticas lendas, que expressam diferentes costumes e sentimentos. Estamos falando de Safo que nasceu na ilha de Lesbos e aí chefou uma escola poética, na Grécia antiga, por volta do sexto século antes de Cristo. Foi ela quem registrou os primeiros versos eróticos em literatura de gênero feminino. Dizem alguns historiadores que: “o pouco da sua obra que se salvou são retalhos dum *manto de rainha* reveladores de mil qualidades – sua paixão, seu agudo senso da alegria da vida e das penas do amor”<sup>2</sup>. A reputação de Safo subiu ao nível da de Homero e, por isso, foi chamada de a Décima Musa.

Se às mulheres não era dada a liberdade da escrita para expressar seus mais íntimos desejos e subjetividades, hoje, com a mudança dos tempos, a palavra feminina, incluindo a erótica, tem sido ouvida ao longo das gerações. Talvez por inspiração de Safo, aqui e alhures, ouve-se essa voz, a bradar emoções e desejos intensos. Se não dá mais para conter o discurso feminino, de igual modo não dá para conter sua escrita. Georges Bataille (2004),<sup>3</sup> fala que o erotismo tem para o ser humano um sentido que a ciência não pode captar, ou seja, diferentes aspectos da vida humana podem ser vistos sob a ótica do erotismo se o homem for visto em sua totalidade e verdade histórica: do seu trabalho à sua religião.

---

\* Doutoranda em Letras/Dinter/Ciência da Literatura pela UFRJ/UEMA

<sup>1</sup> ADLER. Dilercy Aragão. Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados. São Luis: Estação Produções, 2008.

<sup>2</sup> MACY, John. História da literatura mundial. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: São Paulo Editora S. A, 1987, p. 59.

<sup>3</sup> BATAILLE, Georges. O erotismo. Trad. Claudia Fares. São Paulo: Editora ARX, 2004, p.20.

Assim, o erotismo, para muitos, vai se tornando base e formas de vida e vai operando no ser que, para sair do isolamento e da descontinuidade, segue buscando. Nessa busca Dilercy se encontra, tecendo seus próprios mitos, a exemplo de tantas outras figuras poéticas, como Safo, Penélope, Cherezade... Com os fios da paixão, cedidos por Eros, também ela vai tramando os fios da sua lírica poeticamente moderna, o que nos leva a dizer com Fontes que: "Eros é um tecelão de mitos". E, ainda, concordar com ele quando cita Fränkel que exclama: "Eros, o mais belo entre os deuses imortais, que põe quebrantos nos corpos e, no peito de deuses e homens, domina o espírito e a vontade ponderada".<sup>4</sup> Possuído por esse quebranto o poeta trabalha e se doa. Seus poemas, filhos da solidão, são também frutos compartilhados, porque se fazem oferendas para os leitores e hermenutas que exercem a atividade de tradução, mediada por outras leituras. Esta é a proposta que se apresenta aqui neste estudo.

Nesse caminho, escolhe-se o poema *Libertação*, de Dilercy, onde é possível, usando as palavras de Angélica Soares: "explicitar a consciência da fusão entre erotismo e criação literária".<sup>5</sup> Nesse poema, a poetisa apresenta, dialeticamente, o processo de criação, pois, o acontecer poético ou "ficção antes de ser substantivo é verbo que surpreende o real e o imaginário se manifestando...", diz Castro.<sup>6</sup> De tal forma, a poetisa verbalizando o real e o imaginário apresenta um jogo imagético-metafórico, do qual o eu lírico se vale, erotizando a linguagem e construindo um jogo de imagens paradoxais, que aludem ao sugerido pelo título: *Libertação*. Note-se de imediato que, na contra mão da anunciada libertação, ela começa dizendo: "Aprisiono o verbo... (...) Aprisiono a dor/ em amargas palavras/ algemadas (...). Aprisiono o amor/ no papel A4".<sup>7</sup>

Nessa medida, observa-se, ainda, que o jogo verbal, essencialmente construído de paradoxos e imagens antagônicas, em vez de criar dicotomias vai unindo o que não pode ser separado, pois,

---

<sup>4</sup> FONTES, Joaquim Brasil. Eros, tecelão de mitos. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 209.

<sup>5</sup> SOARES, Angélica. A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999, p. 36.

<sup>6</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. O acontecer poético. Rio de Janeiro: Antares, 1990, p. 65.

<sup>7</sup> ADLER. Dilercy. Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados. São Luis: Estação Produções, 2008, p.11.

para Otávio Paz, "a imagem é cifra da condição humana (...) toda imagem aproxima ou conjuga realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si. Isto é, submete à unidade a pluralidade do real".<sup>8</sup> E, para referendar o dito, na concepção de Angélica Soares, esse jogo faz emergir "uma constante tensão entre a consciência literária do erotismo e a consciência erótica do literário; como se, pela textualização do erotismo, melhor se explicitasse o caráter erótico de toda a criação."<sup>9</sup>

Note-se também que o eu lírico faz referência a três elementos por ele aprisionados: o verbo, a dor, o amor. Ora, não somente nesse contexto vale observar que, o amor subjuga, domina e doma os corações. A dor pode advir do ato de amar, conforme diz o verbo grego "amar apaixonadamente, ser possuído pelo desejo de alguém."<sup>10</sup> Quanto ao verbo, é força de Eros, é desejo semântico. É o núcleo da sentença poética e do fazer literário. "Essa forma de presença discursiva leva-nos, mais uma vez, a recuperar o pensamento platônico, que já previa a atuação de Eros como geradora de Poesia"<sup>11</sup> lembra a professora Angélica. E a poetisa segue dizendo: "devoro a 'carne'/ - pecado humano - cerne do desejo/ tresloucado/ do fruto proibido/ insaciavelmente/ insano!..."<sup>12</sup>

Esse conjunto semântico tensiona o fazer poético, pois a dor é aprisionada e algemada "em amargas palavras - cárcere privado", mas numa linguagem "esvaziada da linguagem erótica..." Seria uma linguagem sem excitação? Sem lascividade? Talvez Dilercy tome a tarefa de poeta como missão, daí esse esvaziamento, dada à consciência e a necessidade do fazer poético. Octavio Paz diz que<sup>13</sup> "O poema é linguagem em tensão: em extremo de ser e em ser até o extremo. Extremo de palavras e palavras extremas, voltadas sobre as

---

<sup>8</sup> PAZ, Octavio. Signos em rotação. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1980, p.38.

<sup>9</sup> SOARES, Angélica. A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999, p. 35.

<sup>10</sup> FONTES, Joaquim Brasil. Eros, tecelão de mitos. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 209.

<sup>11</sup> SOARES, Angélica. A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999, p. 35.

<sup>12</sup> ADLER. Dilercy. Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados. São Luis: Estação Produções, 2008, p.11.

<sup>13</sup> PAZ, Octavio. Signos em rotação. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1980, p.48.

suas próprias entranhas, mostrando o reverso da fala: o silêncio e a não significação". Nesse intermitente processo de significar e de silenciar, a poetisa cria ritos e rituais, aliás, ela recria: liturgias, procissões, santos e rezas, que não são imunes ao pecado humano, pelo contrário, eles se mostram e se contagiam, mas também, "nos contagiam com os seus venenos exoticamente tóxicos!".<sup>14</sup> Contagiada também é a poesia, bem como sua criadora. Elas, ambas, se mostram e se oferecem e não ficam imunes aos contatos...

O poema segue, mas ao que parece, o processo frenético, espiritualizado e ritmado no início, poder-se ia dizer, princípio do prazer que explode, dá lugar ao pausadamente material e real no compasso, não mais do sentir e do expressar poético, mas do fazer técnico, pois, o amor que é puro sentimento jaz aprisionado, materializado pela impressora e pelo papel. Entretanto, é uma luta vã, pois nenhuma atitude é capaz de excluir as experiências vividas nem aprisionar as dores sentidas, experimentadas. Nem tão pouco é capaz de sufocar o impulso de Eros, porque ele é Amor invencível "um ser que não se pode destruir com armas criadas pela *tékhne*:"<sup>15</sup> Em *Antígona*, Fontes colheu os versos trazidos aqui para ilustrar esse pensamento:

(...)

Eros, que a tua presa escravizas;  
tu, que nas faces delicadas  
da virgem estás à espreita  
e vogas sobre o mar e pelas agrestes choupanas;  
de ti nem o divino eterno se liberta  
nem o efêmero humano; o que te possui desvaira.

(...) <sup>16</sup>

Nesse contexto, ao digitar "tácita/ e indolentemente/ cada letra/ cada sílaba/ cada sentença" o sentimento se materializa, se faz poema, mas não é capaz de dar conta de "cada cicatriz intensa da vida que se expõe". A poesia que é pura evanescência "ao se mostrar/ completamente nua/ sem qualquer reserva/ se ergue/ se levanta/ alça

---

<sup>14</sup> ADLER. Dilercy. Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados. São Luis: Estação Produções, 2008, p.11.

<sup>15</sup> FONTES, Joaquim Brasil. Eros, tecelão de mitos. São Paulo: Iluminuras, 2003, p. 210.

<sup>16</sup> Id. Ibid.

voo/... se liberta..."<sup>17</sup> A poetisa, na experiência imaginativa criativa, por um instante, também alça o seu voo para a liberdade, talvez para noutro poema e noutro momento retornar e seguir buscando. Essa busca é o que caracteriza o existir interior. Por conseguinte, o erotismo expressa a vivência humana e a complexidade dos seres descontínuos que morrem isoladamente, trazendo consigo o que Bataille chama de "nostalgia da continuidade perdida".<sup>18</sup>

A título de ilustração: a palavra nostalgia no grego é *nóstos* = a regresso + *álgos* = a dor. É um sentimento não de saudade, mas de dor; produzida pelo pesar da ausência e o conseqüente desejo de retornar. Por falar em retorno, Dilercy volta com o tema do aprisionamento em *Acre-doce-prisão*. Uma vez mais ela sugere, por meio desse conjunto de imagens, uma reconciliação dos contrários, talvez, para permanecer na busca do sentido para a vida. Diz Octavio Paz que "a imagem é um recurso desesperado contra o silêncio que nos invade cada vez que tentamos exprimir a terrível experiência do que nos rodeia e de nós mesmos"<sup>19</sup> Já para Bataille, "alcançar o erotismo tem como finalidade atingir o ser no seu mais profundo íntimo – lá onde qualquer palavra ou sentimento são inúteis para explicar".<sup>20</sup> Alcançar o erotismo tem como princípio destruir a estrutura do ser fechado, que é, no estado normal, um participante da ação. Ação que é desnudamento, abertura e busca de uma possível continuidade do ser para lá do isolamento a que cada um de nós está submetido.

Em *Acre-doce-prisão*, a força erótica se revela na medida em que o eu lírico, usando de toda a força poética, grita contra a ineficácia da palavra escrita que não consegue revelar o desejo de libertação do ser mulher, ou do ser poeta? Afinal, são "tantas palavras/ soltas no espaço/ presas em livros.../... em dicionários/ humanamente apócrifos..."<sup>21</sup> Os versos apresentam a palavra como se ela fosse clandestina, inautêntica, ou seja, incapaz de dizer ou expressar a voz feminina, cujo silêncio lhe é imputado: "tantas palavras/ soltas na boca/

---

<sup>17</sup> ADLER. Dilercy. Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados. São Luis: Estação Produções, 2008, p.11.

<sup>18</sup> BATAILLE, Georges. O erotismo. Trad. Claudia Fares. São Paulo: ARX, 2004, p. 25-6.

<sup>19</sup> PAZ, Octavio. Signos em rotação. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1980, p. 48.

<sup>20</sup> BATAILLE, Georges. O erotismo. Trad. Claudia Fares. São Paulo: ARX, 2004, p. 30.

<sup>21</sup> ADLER. Dilercy. Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados. São Luis: Estação Produções, 2008, p.17.

presas no peito/ seguras/ por fortes amarras/ neuroticamente imputadas..."<sup>22</sup> Uma vez mais a palavra e a mulher sofrem um processo de amordaçamento o que faz lembrar um verso de Cecília Meireles: "ai palavras, ai palavras, que estranha potência a vossa..." Segundo Octávio Paz, "a poesia coloca o homem fora de si e, simultaneamente, o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si".<sup>23</sup> Assim, a poetisa, na tentativa de almejar uma conquista, não somente sua, mas coletiva, busca na força da palavra sair de si, ser plural, abrindo-se para questões a sua volta, "porque a poesia é um penetrar, um estar ou ser na realidade"<sup>24</sup>. Lembrando Bataille, a realização erótica visa à destruição da estrutura do ser fechado, propiciando a sua dissolução.

Ao que parece, há um não eu, isto é, ao mesmo tempo em que a poetisa retorna, retorna não em si totalmente, mas como "imagem de uma profunda inquietação que se projeta gradativamente para a transmissão do fazer literário intimamente ligado às respostas do corpo que, não só se abre para o outro, mas também para a própria Poesia", diz Angélica Soares.<sup>25</sup> Afinal, diz a poetisa são "tantas palavras/ e não encontro nenhuma/ para externar o meu desejo/... a minha paixão/..."<sup>26</sup> Que seria essa paixão? O ser mulher-poeta, a própria poesia que para ela é verve, é devir atuante? Ora, se o erotismo é uma metáfora da sexualidade e a poesia é uma erotização da linguagem, para Dilercy, também, a exemplo do que diz o teórico: "a relação entre amor e poesia não é menos íntima".<sup>27</sup> Eis, pois, mais um poema de Dilercy Adler para apenas, neste momento, concluir o que não pode ser finalizado, porque assunto inesgotável: "... Fala, poeta, por ti e por nós/a palavra de amor/ por sob os lençóis/ a palavra benigna/ que não fere jamais,/ a palavra da vida/ que lava a ferida/ tantas chagas de dor./ Fala, poeta,/ palavras, palavras/ em rimas de amor!"

---

<sup>22</sup> Ib., Ibid.

<sup>23</sup> PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1980, p. 50.

<sup>24</sup> Ib., Ibid.

<sup>25</sup> SOARES, Angélica. *A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999, p. 37.

<sup>26</sup> ADLER. Dilercy. *Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados*. São Luis: Estação Produções, 2008, p.17.

<sup>27</sup> PAZ, Octávio. *A dupla chama: amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994, p. 49.

Rimando e exortando a poesia a falar Dilercy compõe muito do seu repertório, daí compreender a partir das lições de Octavio Paz que, erotismo é experiência de vida plena e aparece como um todo palpável, no qual penetramos como uma totalidade. Mas ao mesmo tempo, erotismo é vida vazia, que olha a si mesma no espelho, que se representa, imita e se inventa; inventa e se imita. No entanto, essa experiência total jamais se realiza de todo porque sua essência consiste em ser sempre *um mais além*. Daí que a poetisa não consegue romper esse elo e, apenas por um momento, diz: “calo-me então/ - quem sabe -/ pra sempre.../ e acorrentada fico/ na tua acre-doce prisão!”<sup>28</sup> Parafraseando Octávio Paz, que diz que o mundo é feito de fantasmas, pode-se dizer que o mundo é feito de imagens. O ser humano é e vive dessas imagens que funcionam como uma espécie de prisão imaginária.

Entretanto, há caminhos para sair dessa prisão, segundo Octavio Paz: o primeiro é o do erotismo, o segundo é o do amor, da entrega, da aceitação da liberdade. “O amor é uma aposta, insensata, pela liberdade. Não a minha, a alheia”.<sup>29</sup> Em *Inevitável prisão* “Amor.../solidão.../ o amor prende/ - quer queira ou não - / nas correntes/ do desejo/ da volúpia/ da paixão!”<sup>30</sup> fica patente que esta filha dos trópicos maranhenses segue os caminhos do amor e do erotismo, deixando-se conduzir pela estética poética e buscando, literariamente, um sentido de liberação do desejo feminino. Para Dilercy a mulher é capaz de: “liquidificando dissabores, solidificando prazeres, liquidificando amarguras, solidificando estruturas, amalgamadas, tão doces quanto duras” seguir, sempre, amando, eternamente... Ela esforça-se para discutir a hierarquização das relações sociais de sexo e de gênero, sem, contudo, optar pelo mero discurso de militância feminista já tão desgastado.

---

<sup>28</sup> Ib., Ibid.

<sup>29</sup> Ib., Ibid.

<sup>30</sup> ADLER. Dilercy. Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados. São Luis: Estação Produções, 2008, p.63.

## ANEXOS

### LIBERTAÇÃO

Aprisiono o verbo  
    devoro a "carne"  
    -pecado humano-  
cerne do desejo  
    tresloucado  
do fruto proibido  
insaciavelmente  
    insano!...  
aprisiono a dor  
    em amargas palavras  
    algemadas  
-cárcere privado-  
    esvaziada  
da linguagem erótica ...  
    recrio liturgias  
    procissões  
santos e rezas  
que se pretendem  
assépticos  
e no entanto  
mostram-se  
contagiam-se  
    e nos contagiam  
    com os seus  
    venenos  
exoticamente  
    tóxicos!

aprisiono o amor  
    no papel A4  
    que jaz  
    na impressora  
do meu computador

e digito  
tácita  
e indolentemente  
cada letra  
cada sílaba  
cada sentença  
cada cicatriz  
intensa  
da vida  
que se expõe  
e  
ao se mostrar  
completamente nua  
sem qualquer reserva  
se ergue  
se levanta  
alça vôo  
...se liberta...  
e  
me liberta também!!!

### **ACRE-DOCE PRISÃO**

Tantas palavras  
soltas no espaço  
presas em livros...  
... em dicionários  
humanamente apócrifos...

tantas palavras  
soltas na boca  
presas no peito  
seguras  
por fortes amarras  
neuroticamente imputadas...

tantas palavras  
e não encontro nenhuma  
para externar o meu desejo  
... a minha paixão  
... calo-me então  
-quem sabe-  
pra sempre...  
e acorrentada fico  
na tua acre-doce prisão!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADLER, Dilercy. **Desabafos... Flores de plástico... Libidos e licores liquidificados**. São Luis: Estação Produções, 2008.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Trad. Claudia Fares. São Paulo: ARX, 2004.

CASTRO, Manuel Antônio de. **O acontecer poético**. Rio de Janeiro: Antares, 1990.

FONTES, Joaquim Brasil. **Eros, tecelão de mitos**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

MACY, John. **História da literatura mundial**. Trad. Monteiro Lobato. São Paulo: São Paulo Editora S. A, 1987.

PAZ, Octavio. **Signos em rotação**. Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1980.

\_\_\_\_\_ **A dupla chama: amor e erotismo**. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

SOARES, Angélica. **A paixão emancipatória: vozes femininas da liberação do erotismo na poesia brasileira**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999.